



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
Casa de “Epitácio Pessoa”
Gabinete do Deputado Tovar Correia Lima

REQUERIMENTO Nº 15.351 /2021

Assunto: Requer, que seja feita a transcrição para os Anais desta Casa Legislativa, do artigo **“A demografia brasileira e o desafio do crescimento econômico”**, de autoria do economista Aod Cunha, publicado no site Infomoney.com.br, no dia 11 de maio do corrente ano.

Exmo. Sr. Presidente,

Requeiro a Vossa Excelência, na forma regimental e depois de ouvido o Plenário, que seja feita a transcrição para os Anais desta Casa Legislativa, do artigo **“A demografia brasileira e o desafio do crescimento econômico”**, de autoria do economista Aod Cunha, publicado no site Infomoney.com.br, no dia 11 de maio do corrente ano.

JUSTIFICATIVA
EM ANEXO


TOVAR CORREIA LIMA
Deputado Estadual



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
Casa de “Epitácio Pessoa”
Gabinete do Deputado Tovar Correia Lima

JUSTIFICATIVA PARA O PLEITO

Senhores e Senhoras Deputados,

Solicito os préstimos dos pares para aprovar o presente requerimento, que visa a transcrição para os Anais desta Casa Legislativa, do artigo **“A demografia brasileira e o desafio do crescimento econômico”**, de autoria do economista Aod Cunha, publicado no site Infomoney.com.br, no dia 11 de maio do corrente ano.

A matéria que ora requeremos a sua transcrição retrata bem o desafio que o Brasil irá enfrentar para atingir um crescimento econômico de 2% a.a. nesta década, mostrando também quais iniciativas e oportunidades devem ser trabalhadas a curto prazo.

Certo da compreensão dos pares no tocante a necessidade da aprovação do presente requerimento, aguardo a deliberação do Plenário.

Sala das Sessões, em 12 de maio de 2021.



TOVAR CORREIA LIMA
Deputado Estadual



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
Casa de “Epitácio Pessoa”
Gabinete do Deputado Tovar Correia Lima

A demografia brasileira e o desafio do crescimento econômico

Para crescer 2% a.a. nesta década, teremos que triplicar o crescimento da produtividade total da economia



Por [Aod Cunha](#) 11 maio 2021 07h00 -

Retorno aqui a um tema que abordei marginalmente no artigo **“Quatro décadas perdidas de crescimento econômico”** (*InfoMoney, 16 de junho de 2020*): o papel da demografia brasileira como limitador do crescimento nas próximas décadas.

Antes de um prognóstico pessimista, o objetivo neste artigo é chamar a atenção para a importância que o crescimento da produtividade (total e por trabalhador) terá para qualquer expectativa positiva de crescimento econômico futuro.

A beleza de usar a demografia para cenários de longo prazo é a sua estabilidade relativa frente a outros conjuntos de variáveis econômicas, como inflação, câmbio e juros. Os impactos das mudanças na pirâmide etária de um país são variados, indo do crescimento econômico às demandas setoriais em educação, saúde e previdência.

No caso do Brasil, que fará uma das transições demográficas mais rápidas da história mundial, a velocidade daquelas mudanças talvez seja a principal característica socioeconômica para descrever o país nas próximas décadas. Aqui, focaremos prioritariamente nos impactos sobre a dinâmica de crescimento do PIB.



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
Casa de “Epitácio Pessoa”
Gabinete do Deputado Tovar Correia Lima

A demografia como ferramenta de previsão

Por melhor que sejam os modelos macroeconômicos utilizados, previsões para variáveis macroeconômicas como a inflação, a taxa de juros e a taxa de câmbio se tornam cada vez mais difíceis quanto mais distante é o horizonte temporal de previsão. Que tal prever essas variáveis para o ano de 2030 ou de 2040? Seria um exercício quase de “futurologia”, por mais elegantes que sejam os modelos utilizados.

Por outro lado, com uma margem de erro muito pequena, é possível prever o tamanho de populações e a sua distribuição por faixas etárias muitos anos à frente. A explicação lógica para isso é simples: taxas de natalidade, expectativa de vida e fluxos migratórios tendem a oscilar muito menos no tempo do que variáveis como as mencionadas no parágrafo anterior.

Outra estabilidade importante da demografia é a relação entre o ciclo da vida e variáveis como consumo, poupança, trabalho e lazer. As pessoas nascem, crescem, aprendem, trabalham e envelhecem gerando impactos sobre educação, oferta de trabalho, saúde e previdência de maneira muito similar nos mais diferentes países.

Cultura e instituições diferentes podem alterar a escolaridade média, a extensão de vida ativa da força de trabalho e os regimes de seguridade social. Mas é inequívoco que o aumento de população jovem ou de população idosa se materializa em aumento das demandas por educação básica ou assistência de saúde, por exemplo.

Falando sobre a taxa de crescimento do PIB, simplificada essa pode ser separada entre o aumento da produção de bens e serviços que foi devida ao aumento da força de trabalho utilizada (horas de trabalho realizadas por um certo número de trabalhadores) e o aumento da produtividade desses mesmos trabalhadores.

Ainda que o crescimento da produtividade possa ser calculado por resíduo entre o crescimento do produto e o crescimento da força de trabalho, suas fontes são diversas: qualidade da educação (e melhor qualificação da força de trabalho), quantidade de capital disponível, processos tecnológicos, qualidade das instituições e ambiente de negócios.



**ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA**

*Casa de “Epitácio Pessoa”
Gabinete do Deputado Tovar Correia Lima*

Já a força de trabalho e sua proporção com o restante da população não ativa (jovens e idosos) é mais fácil para calcular e para projetar no futuro. Basta ter projeções populacionais a partir do censo e a faixa de idade da população ativa. Assim podemos prever com razoável grau de confiança qual será a contribuição futura da variação da força de trabalho disponível para o crescimento do PIB (total e per capita). O restante do crescimento do PIB total e per capita dependerá do crescimento da produtividade total e o da produtividade por trabalhador.

O crescimento recente da força de trabalho e da produtividade no Brasil

O Brasil cresceu menos que o mundo e muito menos que os países emergentes em todas as últimas 4 décadas, ante um período anterior de aumento expressivo de participação no PIB global. Saímos de uma participação na economia mundial pouco maior do que 0,5% no início do século passado para mais de 3% no final de década de 70. Já no final da década passada voltamos para um patamar pouco superior a 2% da economia mundial, com uma queda de mais de 30% na nossa participação.





ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
Casa de “Epitácio Pessoa”

Gabinete do Deputado Tovar Correia Lima

O que chama a atenção é que nas últimas duas décadas o Brasil viveu o auge do seu bônus demográfico, aquele período em há aumento contínuo da proporção de pessoas em idade ativa em relação a população inativa (jovens e idosos, basicamente). É justamente nesse período que os países ganham um impulso único da demografia para crescerem mais e, usando uma expressão simples, “ficarem ricos antes de envelhecerem”. Mas é claro que o crescimento da produtividade precisa ajudar. Não foi o caso do Brasil.

Entre 1997 e 2017, quando o PIB no Brasil cresceu a uma média de 2,2% a.a. (bem abaixo da média mundial de 3,7% a.a.), a contribuição da demografia pelo aumento da força de trabalho foi de 1,7% a.a.

Dito de outra forma, nesses 20 anos recentes, 77% do crescimento da economia brasileira veio do bônus demográfico e apenas 23% do aumento da produtividade total da economia (0,5% a.a. de média). Quando se olha para a produtividade por trabalhador, os números são ainda piores, com estagnação desde a década de 80.

Se achamos que o Brasil teve um crescimento baixo nas últimas décadas, principalmente na última, vejamos o que a demografia nos diz sobre o futuro.

Na década atual, a contribuição média do aumento da força de trabalho para o crescimento do PIB deve ficar próxima a 0,7% a.a., uma queda substancial em relação às últimas duas décadas, por conta da rápida transição demográfica (a 7ª mais rápida da história pelo banco de dados da ONU) e o fim do bônus demográfico.

Em algum momento logo após 2030, a contribuição da demografia irá para zero e será por fim negativa para o crescimento econômico brasileiro. Nos restará apenas a força do crescimento da produtividade na economia.

Para crescer 2% a.a. nesta década, teremos que triplicar o crescimento da produtividade total da economia

Se quisermos crescer algo como 2% a.a. nas próximas duas décadas (lembrando que a economia mundial tem crescido próximo a 3,5% nas últimas 4 décadas), então teremos que triplicar e depois quadruplicar a taxa de crescimento recente da produtividade total.



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
Casa de “Epitácio Pessoa”

Gabinete do Deputado Tovar Correia Lima

O desafio é enorme, mas não é impossível. O ângulo do copo “meio cheio” é o que mostra o Brasil com enormes oportunidades de melhoria em diferentes frentes que podem impactar positivamente a produtividade na economia.

A qualidade da nossa educação ainda é muito baixa quando comparada com um grande número de países mais prósperos. No PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), divulgado ao final de 2019, entre 79 países, o Brasil ficou em 59º em leitura, 67º em ciências e 73º em matemática.

Melhorar a qualidade da nossa educação em larga escala não é apenas um tema urgente para melhorar a mobilidade social, é o maior potencial que temos para o crescimento a longo prazo da nossa produtividade.

Vejamos outras oportunidades, algumas delas que podem ser trabalhadas no curto prazo.

No relatório Doing Business do Banco Mundial – que avalia o ambiente para fazer negócios – de 2019, o Brasil ficou em 124º entre 190 países, caindo 15 posições em relação ao relatório anterior.

O sistema tributário brasileiro é amplamente reconhecido como complexo e gerador de enormes incertezas para o investimento produtivo, sem falar do elevado número de distorções e privilégios setoriais e individuais.

O setor público de uma maneira geral carece de uma reforma administrativa que o aproxime de incentivos e práticas já adotadas nas últimas décadas em economias mais desenvolvidas. Olhando só para o Judiciário, e segundo dados da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) e do próprio Conselho Nacional de Justiça (CNJ), temos uma estrutura que gasta em proporção do PIB quatro vezes mais que Portugal, Alemanha e Venezuela; nove vezes mais que EUA e Inglaterra e dez vezes mais que Argentina.

No setor de infraestrutura, em diferentes segmentos, de saneamento básico a transportes em geral, encontram-se grandes gaps no estoque de capital pela baixa taxa de



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
Casa de “Epitácio Pessoa”

Gabinete do Deputado Tovar Correia Lima

investimentos nas últimas décadas (como mostrou Claudio Frischtak e João Mourão , O Estoque de Capital de Infraestrutura no Brasil, IPEA, agosto de 2017).

Outra frente com enorme potencial de melhora da produtividade no Brasil é a abertura comercial. Continuamos sendo um dos países mais fechados ao comércio no mundo, com um amplo conjunto de medidas protecionistas que aumentam custos e bloqueiam a transferência de tecnologias do mundo para o Brasil. Edmar Bacha chega a dizer que “a abertura comercial é a mãe de todas as reformas” (InfoMoney, 29 de março de 2019)

Eu ainda poderia destacar um conjunto mais amplo de iniciativas para a redução das desigualdades sociais e proteção do meio ambiente, que poderia melhorar muito a qualidade do capital humano e natural da atual e das próximas gerações, mas deixo para uma outra oportunidade.

O fim do bônus demográfico marca um encontro inadiável do Brasil com uma extensa agenda de reformas e políticas para o aumento da produtividade. A alternativa a não nos comprometermos com essa agenda será diferente do que foi o passado recente, onde crescemos pouco, mas crescemos. A alternativa daqui para frente tende a ser a estagnação econômica, num país que não ficou rico antes de envelhecer.



Aod Cunha

Economista. É conselheiro de administração de empresas como Gerdau, Grupo Vibra, Agibank e Atiaia Energia (Grupo Cornélio Brennand) e membro independente de comitês de investimentos. Foi sócio do Banco BTG Pactual e managing director do JP Morgan. Entre 2007 e 2009 foi secretário da fazenda do Estado do Rio Grande do Sul e presidente do conselho de administração do Banrisul. É professor do curso de pós graduação em Finanças, Investimentos e Banking da PUCRS